

DESCOBRINDO E VALORIZANDO A HISTÓRIA ORAL: DO DIZÍVEL AO INDIZÍVEL

Profa. Ms. Maria do Socorro Moura MONTENEGRO – UEPB

Este trabalho tem o objetivo de apresentar um recorte de uma breve reflexão teórica acerca da História Oral, por entender que as fontes históricas orais são fontes narrativas, segundo, Alessandro Portelli (1997) e por isso mesmo, elas podem dar uma grande contribuição para as pesquisas científicas, por ser uma técnica de pesquisa, principalmente na área das Ciências Humanas, a partir dos estudos de Luis da Câmara Cascudo, Portelli e outros. Podemos levar em consideração alguns aspectos presentes na história oral, como é o caso dos recursos da entonação da narrativa, dos recursos da velocidade da narrativa e dos silêncios. Portelli (1977,29) afirma que “essas oscilações são significativas, embora não possamos estabelecer uma norma geral de interpretação: apoiar-se em um episódio pode ser um caminho para salientar sua importância, mas também pode ser uma estratégia para desviar a atenção de outros pontos mais delicados”.

Para isso, o pesquisador precisa estar muito atento, porque nos eventos da narrativa muita coisa pode acontecer e estas coisas podem acontecer de forma muito sutil que só a experiência do pesquisador, aliado aos seus estudos poderão lhe dar subsídios que apontarão para alguns indícios extremamente significativos.

Torna-se interessante saber que, segundo Moraes (1994:26) “a História Oral parte dos Estados Unidos para cobrir o continente americano antes de rebentar na Europa no decorrer dos anos 70”, portanto a História Oral passa por várias transformações, quando se trata de buscarmos fazer reflexões historiográficas, sociológicas e antropológicas, mesmo porque se sabe que existiu a banalização da divulgação por parte da mídia.

Ao falar da História Oral e relembrar que esta História se iniciou nos estados Unidos é preciso dizer também que começou como um brinquedinho dos americanos, por terem descoberto o gravador e o gravador não passou de uma realidade tecnológica bastante avançada para a época, porque contribuiu para registrar coisas que jamais poderiam ser registradas.

Segundo Portelli (1997: 27) por mais que se queira “... *admitir que se acredite que o documento real é o teipe gravado torna-se impossível admitir que é o teipe gravado o real documento, quando na verdade o que o torna mais visível e palpável aos olhos do pesquisador perspicaz serão as transcrições e as formas como o pesquisador analisou, percebeu, compreendeu, captou, criou e recriou da forma mais fiel possível*”.

É preciso evidenciar que o papel do pesquisador é de suma importância, neste momento, uma vez que a transcrição transforma objetos auditivos em visuais, o que Portelli(1997) interpreta como tendo implicações de mudanças e interpretação, ou seja, a desatenção à oralidade das fontes orais tem sustentação direta na teoria interpretativa.

È necessário uma atenção extraordinária no que tange a questões gramaticais, quando tudo é analisado, desde as pausas de posição e comprimento as pausas rítmicas, podendo acentuar o conteúdo emocional ou não, por isso é necessário que o pesquisador se mostre atento e vigilante no momento da transcrição para não deixar escapar “aquilo“ o que ele considera significativo do seu ponto de vista.

O pesquisador atento precisa descobrir até que ponto o sujeito que está narrando pode, deliberadamente, esconder fatos importantes ou não, saber quando o narrador é redundante de forma espontânea ou proposital e isto cabe ao pesquisador descobrir e conhecê-lo melhor.

Segundo Portelli (1977) o pesquisador atento observa detalhes importantíssimos que são narrados e que apontam indícios estratégicos que podem servir para desviar ou esconder fatos ou pontos delicados, uma vez que não se pode estabelecer uma norma geral de interpretação.

Na verdade, não há como recuperar toda a história real, por mais esforço que o narrador ativo faça para recuperar os fatos através da memória, tanto é que a memória é também, segundo, PORTELLI (1997:33).

(...) um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico.

É neste processo de criação de significações que o sujeito/narrador tem a liberdade e o poder de fantasiar, uma vez que ele é a própria fonte oral, só a ele destina-se o poder da palavra e o dono da situação. A memória não pode ser totalmente recuperada, a isto vários fatores contribuem, desde a idade, o tempo cronológico dos fatos acontecidos, os interesses pessoais e políticos, o contexto histórico, etc.

O indizível também pode esconder uma informação preciosa, muito embora sabendo que o pesquisador, muitas vezes determina o que é dito pelos informantes e o que estes acham que os pesquisadores querem ouvir, porque o primeiro requisito é que o pesquisador não recuse o informante e aceite tudo o que ele quer transmitir, através das fontes orais.

Outro fator significativo nas fontes orais está presente quando se omite a voz do entrevistador não se pode garantir a fidedignidade do informante no documento pesquisado.

Portelli faz-nos compreender que quem fala na história oral, na verdade não é só o(s) informante(s), por entender que a responsabilidade maior está junto ao pesquisador, por ser ele quem vai transcrever tudo o que lhes foi informado, tudo o que lhes foi transmitido, tudo o que foi observado, tudo o que foi captado. Estando todo o seu esforço possível, presentes nos relatos. E as coisas podem estar pensadas de outra maneira, porém o historiador é quem vai validar o discurso do narrador, de acordo com a sua preocupação e/ou com o seu foco de interesse.

Do meu ponto de vista e baseada na minha compreensão percebo que o pesquisador termina sendo um **narrador onisciente**, uma vez que este relata o fato como se tivesse vivido e que dominam inteiramente, nunca entrando na narrativa, exceto para fazer comentários paralelos e acaba fazendo parte da narrativa e se torna parte da história.

O mais interessante de tudo isto é *que a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os lados existem dentro do narrador*, aliado a isto a imparcialidade do narrador por mais esforço que se faça, permanece inconclusa, por isso é que a história oral se torna interessante por existir a confrontação de duas diferentes parcialidades cada uma com as suas crenças pessoais e histórias de vida diferenciadas.

Outro *aspecto* que merece ser enfatizado está relacionado ao relato oral que foi constituído, através dos séculos, como a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale dizer a maior fonte de dados para as ciências em geral.

Como já foi dito anteriormente, vale salientar que quando se omite a voz do entrevistador não se pode garantir a fidelidade do informante/pesquisador no documento pesquisado, por isso que o pesquisador existe para validar ou não o discurso do informante, através do narrador onisciente.

Embora, sabendo-se que os documentos escritos têm mais credibilidade do ponto vista da ciência, por entendermos que os documentos escritos são documentos fixos e eles têm existência própria, independente de os termos encontrado ou não. Mesmo se tendo conhecimento de que

A história oral muda a forma de escrever da história da mesma maneira que a novela moderna transformou a forma de escrever da ficção literária; a mais importante mudança é que o narrador é agora empurrado para dentro da narrativa e se torna parte da história (PORTELLI, 1997:38).

O pesquisador é considerado a peça mais importante e fundamental no processo de construção da pesquisa voltada para a metodologia da História Oral, uma vez que o narrador terá que se manter o mais fiel possível as informações apresentadas, muito embora sabe-se que o indivíduo intermediário ao buscar tal fidelidade, não deixa de acrescentar a sua própria interpretação àquilo que está narrando.

Vale salientar que o pesquisador, ao anotar os relatos orais tende a apresentar as suas reais preocupações e não as intenções do narrador, ao entender que as intenções do narrador poderão ser forçosamente sacrificadas.

Nessa perspectiva, MORAES (1994) afirma que podemos compreender que a preocupação do pesquisador se apresenta consciente e/ou inconscientemente em qualquer trabalho científico porque o interesse do pesquisador o acompanha em todos os momentos de sua vida, nos seus que fazeres e este fazer é vivenciado na sua pesquisa de forma significativa.

Não se pode esquecer que a emotividade também está presente na História Oral e esta, por sua vez, interfere no resultado de qualquer trabalho científico, pois tanto acompanha o pesquisador, como o informante e, segundo MORAES (1994, 81) “... tal emotividade ajuda a entender, em vez de atrapalhar, desde que não sejamos possuídos, ingenuamente, pelos nossos próprios sentimentos.” Pois se considera que é de fundamental importância que os dados sejam desvendados e não obscurecidos, para isto é que se busca investigar determinadas temáticas utilizando a História oral, como forma de recuperar fatos e/ou acontecimentos, anteriormente, desconhecidos pelo pesquisador.

Podemos ilustrar este trabalho com o Filme: **Narradores de Javé**, por ele está centrado na **memória** e na **oralidade**, levando em consideração que a memória se apresenta de forma dinâmica e não como algo inerte e parado e que, de repente busca-se resgatá-la.

Vale dizer que BERGAMASCHI (2005) afirma que “a memória entre lembranças e esquecimentos seleciona a partir dos anseios individuais e coletivos do presente, os fatos que devem e podem ser lembrados ou esquecidos”, porém neste filme, esta memória oral é extremamente dinâmica, uma vez que ela dá conta de todos os conflitos, conflitos estes que estão presentes na iminência de tornar estas narrativas fixas, para que possa ter a credibilidade da verdade científica.

A oralidade proporciona um eterno movimento de criação e re-criação, por isso mesmo é que ela se torna, cada vez mais, dinâmica, ao se permitir um re-fazer constante do passado a ponto de não se separar do presente e muito menos do passado. Percebe-se que este passado se apresenta com uma nova roupagem – “reinventado”.

Baseada em Ecléa Bosi memória é imaginação, além de ser trabalho e em **Narradores de Javé** encontramos tanto a memória como esquecimento, como a memória como trabalho de criação em função do presente.

Diante destas reflexões podemos admitir que a memória é fantástica, principalmente quando o senso crítico sente a necessidade de buscar explicações na História Oral, através da Memória Oral para validar o conhecimento científico. Admitindo-se que o senso comum também pode se coadunar com as idéias que estão presentes na ciência/verdade científica.

3. Considerações Finais

Este estudo nasceu do Componente: Literatura e Cultura Popular estudado na pós-graduação, o qual contribuiu para me instigar e, entre outras coisas, contribuiu para que eu me inquietasse apresentando-me alternativas de metodologias para as minhas possíveis pesquisas, as quais irei direcioná-las para a História Oral, por entender que elas irão me dar subsídios para as temáticas, as quais que me proponho. Além de buscar novas leituras nesta área pouco pesquisada e pouco valorizada no âmbito das Ciências Humanas, do meu ponto de vista.

Considero extremamente significativo o trabalho com a **História Oral** por ser considerada por estudiosos como a maior fonte humana de conservação e difusão do saber e a maior fonte de dados para as ciências em geral.

Basta que os pesquisadores das Ciências Humanas busquem explorar esta técnica de pesquisa, de modo que se amplie mais os conhecimentos, afim de que se possa explorá-la com maior profundidade de leituras da História Oral, para que se possa desenvolver um trabalho com mais consistência teórica.

Referência Bibliográfica:

01 – MORAES, Marieta (Org.) HISTÓRIA ORAL E MULTIDISCIPLINARIDADE– Rio de Janeiro – RJ: Editora Diadorim, 1994.

02 - PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In Projeto História, São Paulo – SP: 1997, n.14, p.25-39.

03 – BERGAMASCHI, M. A. Nemboe'e. Enquanto o encanto permanece! Processo e práticas de escolarização nas aldeias Guarani. 2005.270f. Tese de Doutorado Apresentada na Faculdade de Educação. Universidade federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre.

